

CRÍTICA À DOMINAÇÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DE PIERRE-JOSEPH PROUDHON, MIKHAIL BAKUNIN E PIOTR KROPOTKIN

*Jorge Miguel dos Santos¹
Giovane Moraes Porto²*

RESUMO: A presente pesquisa pretende analisar uma visão crítica sobre a dominação dos indivíduos inseridos em uma sociedade a partir de três espécies mais aparentes atualmente, estes indivíduos entendidos como individuais e invioláveis, a partir de uma crítica ao sistema contemporâneo. Tendo como principal referencial as construções teóricas de Pierre-Joseph Proudhon, Mikhail Bakunin e Piotr Kropotkin. Assim, o objetivo desta pesquisa é apresentar três espécies de dominação, e demonstrar que estas continuam atuando até o momento, mesmo que a análise inicial pelos autores indicados seja uma época aparentemente divergente da atual. Verificar-se-á como as três espécies de dominação tratadas no texto atuam sobre a vida do indivíduo. A metodologia utilizada será de caráter dedutivo a partir de pesquisa bibliográfica, principalmente no que concerne nas construções teóricas do anarquismo. É esperado chamar atenção dos juristas para o fato de que o anarquismo possui uma crítica desde o início de seu desenvolvimento, e as três espécies de dominação tratadas possuem uma construção histórica que podem ser observadas até o atual momento.

Palavras-chave: Dominação. Econômica. Política. Ideológica. Estado.

ABSTRACT: The present research intends to analyze a critical view on the domination of individuals inserted in a society starting from three more apparent species today, these individuals understood as individual and inviolable, from a critique of the contemporary system. Having as main reference the theoretical constructions of Pierre-Joseph Proudhon, Mikhail Bakunin and Piotr Kropotkin. Thus, the objective of this research is to present three types of domination, and to demonstrate that they continue to operate until the moment, even though the initial analysis by the indicated authors is a time apparently divergent from the current one. It will be verified how the three types of domination dealt with in the text act on the individual's life. The methodology used will be of a deductive character based on bibliographical research, mainly with regard to the theoretical constructions of anarchism. It is expected to draw jurists'

¹Jorge Miguel dos Santos, acadêmico de Direito do Centro Universitário Cidade Verde – UniFCV. Maringá-PR – E-mail: jh.miguel63@gmail.com>.

² Giovane Moraes Porto, Doutorando em Educação pela UNESP/Marília. Bolsista CAPES/PROEX sob orientação do Professor Dr. Pedro A. Pagni. Mestre em Direito pelo Centro Universitário Eurípides de Marília – UNIVEM. Bolsista CAPES/PROSUP (2017/2019) sob orientação do Professor Dr. Oswaldo Giacoia Junior. Pós-graduado em Docência do Ensino Superior pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Graduado em Direito pelo Centro Universitário Eurípides de Marília – UNIVEM, bolsista PIBIC/CNPq (2014/2016). Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação e Filosofia, vinculado ao CNPq – UNESP. Professor e Pesquisador bolsista do curso de Direito do Centro Universitário Cidade Verde (UNIFCV) em Maringá-PR. Advogado. E-mail: giovanemoraesporto@hotmail.com>.

attention to the fact that anarchism has had a criticism since the beginning of its development, and the three types of domination dealt with have a historical construction that can be observed until the present moment.

Keywords: Domination. Economical. Policy. Ideological. State.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa analisar um campo pouco movimentado da ciência jurídica contemporânea que é a dominação, em especial três espécies, com uma abordagem histórica para compreender como essas espécies de dominação continuam a atuar. A elaboração da pesquisa analisa as três espécies de dominação juntamente com a crítica que o anarquismo realiza às mesmas, compreende-se até o momento cinco ondas influentes do anarquismo (1868-1894, 1895-1923, 1924-1949, 1950-1989, 1990 atualidade) em diferentes localidades que deram início a crítica construída até o momento.

Apesar de reconhecer os inúmeros autores com escritos que vão desde a primeira onda até a quinta onda, o texto se baseia em três linhas teóricas com base nos estudos de três teóricos. Logo, os autores que norteiam as linhas teóricas abordadas nessa pesquisa são Pierre-Joseph Proudhon, Mikhail Bakunin e Piotr Kropotkint, pretendendo propor uma análise sobre três espécies da dominação sobre indivíduos inseridos no meio social sobre um regime jurídico já formalizado.

Assim, em um primeiro momento, este estudo examinará a dominação econômica (exploração capitalista contemporânea) que é construída em torno da exploração capitalista atual, dada sua maior atuação na sociedade contemporânea, porém a crítica a essa forma de dominação pode ser prevista pelos pensadores logo no início do séc. XIX. Após analisar-se a dominação política/ jurídica (o Estado), que mesmo não possuindo representação física, se mostra muito atuante sobre os indivíduos por meio de coação identificados desde a sua constituição. E por fim a dominação ideológica (doutrinação dos corpos) que pode ser entendida por uma forma de alienação do indivíduo para determinar sua conduta no meio social.

Pretende-se realizar uma análise crítica sobre como essas espécies de dominação atuam, a fim de identificá-las na sociedade contemporânea.

Busca-se demonstrar que essas espécies continuam atuar e fazer parte da vida de todos os indivíduos no meio social. Sendo possível a constatação da sua atuação até o momento.

No mais, esta pesquisa não tem a pretensão de esgotar o tema, mas apenas de trazer informações que instiguem o debate, notadamente, sobre as três espécies de dominação observadas com base nos textos de Pierre-Joseph Proudhon³, Mikhail Bakunin⁴ e Piotr Kropotkin⁵.

A metodologia utilizada foi de caráter dedutivo utilizando a pesquisa bibliográfica como fonte de observação teórica.

1. DO INÍCIO DAS FORMAS DE DOMINAÇÃO E SUA PROTEÇÃO JURÍDICA

A presente pesquisa pretende fazer uma análise sobre três espécies de dominação para fomentar a crítica sobre como essas espécies continuam a atuar e como o são ainda “protegidas” pelo meio jurídico.

Para esclarecer termos supracitados, como as “ondas” anarquistas, se faz necessário um olhar histórico sobre como essas surgiram e como influenciaram os autores que estudaram e que hoje estudam a anarquia.

A breve perspectiva histórica para se analisar essas chamadas “ondas” são cinco episódios que tiveram participação anarquista, e que são segundo alguns autores as manifestações mais significativas do anarquismo, isso em pratica anarquista.

Na primeira onda/ primeiro episódio, temos o caso de Haymarket⁶, envolvendo mobilizações do Primeiro de Maio e a morte dos Mártires de Chicago entre 1886-1887;

³ PROUDHON, Pierre-Joseph. *Capacidad Política de la classe Obrera*. Buenos Aires: Americalee, 1943, *in passim*.

PROUDHON, Pierre-Joseph. **O que é a Propriedade?** São Paulo: Martins Fontes, 1988, *in passim*.

PROUDHON, Pierre-Joseph. **Do Princípio Federativo**. São Paulo: Imaginário 2001, *in passim*.

⁴ BAKUNIN, Mikhail. **Deus e o Estado**. São Paulo: Imaginário, 2000, *in passim*.

BAKUNIN, Mikhail. **O sistema Capitalista**. São Paulo: Faísca, 2007, *in passim*.

BAKUNIN, Mikhail. **“Carta ao Jornal La Liberté de Bruxelas”**. In: Escritos Contra Marx. São Paulo: Imaginário, 2001, *in passim*.

BAKUNIN, Mikhail. **Estatismo e Anarquia**. São Paulo: Imaginário/Ícone, 2003, *in passim*.

BAKUNIN, Mikhail. **Federalismo, Socialismo, Antiteologismo**. São Paulo: Cortez, 1988, *in passim*.

BAKUNIN, Mikhail. **Essência da Religião/ O Patriotismo**. São Paulo: Imaginário, 2009, *in passim*.

⁵ KROPOTKIN, Piotr. **“A Decomposição dos Estados”**. In: Palavras de um Revoltado. São Paulo: Imaginário, 2005, *in passim*.

⁶ Corrêa, Felipe. **Surgimento e Breve Perspectiva Histórica do Anarquismo (PDF)**. São Paulo: Faísca, 2012, p. 27e 36.

já a segunda onda/ segundo episódio foi a Confédération Générale du Travail⁷ (CGT) francesa, que fora fundada em 1895, que influenciou em boa parte o desenvolvimento do sindicalismo revolucionário; na terceira onda/ terceiro episódio a Revolta de Kronstadt⁸ tendo destaque na Revolução Russa em 1921; a quarta onda/ quarto episódio foi a Revolução Espanhola⁹ de 1936-1939; e pôr fim a quinta onda/ quinto episódio que perduram até o momento derivam das revoltas francesas de Maio de 68¹⁰.

As formas de dominação são todas as circunstâncias em que alguém ou um grupo exerce sua vontade sobre a parte dominada. Todas as circunstâncias em que alguém ou um grupo induz ao outro, tem-se a forma de dominação, manifestada.

Dentre as inúmeras formas de se exercer a dominação, aqui abordar-se-á três espécies que são exercidas na esfera social atual, observadas por uma crítica anarquista desenvolvida desde a primeira onda, que prejudicam a compreensão de si do indivíduo, pois estabelece uma forma padronizada de modo de existência.

A crítica histórica da dominação observada pela primeira onda anarquista tem como foco três esferas sociais, sendo estas estruturadas em pontos essenciais: dominação econômica (exploração capitalista contemporânea), dominação política/jurídica (o Estado) e dominação ideológica (doutrinação dos corpos).

O surgimento do anarquismo, principalmente como socialismo libertário, realiza fortes críticas ao sistema capitalista que implica a exploração descarada e em alta escala dos trabalhadores no meio produtivo. E a partir da primeira onda do anarquismo é que será abordada a crítica as espécies de dominação.

O anarquismo, o sistema não governamental do socialismo, tem uma dupla origem. Constitui um amadurecimento dos dois grandes movimentos de pensamento nos campos político e econômico que caracterizam o século XIX, especialmente sua segunda metade. Em comum com todos os socialistas, os anarquistas sustentam que a propriedade privada da terra, do capital e das máquinas maquinaria já teve seu tempo, e que está condenada a desaparecer; sustentam também que tudo o que for necessário para a produção deve tornar-se propriedade comum da sociedade, e assim o serão; a propriedade comum deve ser gerida em comum por aqueles que produzem a

⁷ Corrêa, Felipe. Surgimento e Breve Perspectiva Histórica do Anarquismo (PDF). São Paulo: Faísca, 2012, p. 36.

⁸ Corrêa, Felipe. Surgimento e Breve Perspectiva Histórica do Anarquismo (PDF). São Paulo: Faísca, 2012, p. 45.

⁹ Corrêa, Felipe. Surgimento e Breve Perspectiva Histórica do Anarquismo (PDF). São Paulo: Faísca, 2012. P. 52.

¹⁰ Corrêa, Felipe. Surgimento e Breve Perspectiva Histórica do Anarquismo (PDF). São Paulo: Faísca, 2012, p. 60.

riqueza. Em comum com os mais avançados representantes do radicalismo político, eles sustentam que a organização política ideal da sociedade exige que se reduzam as funções governamentais ao mínimo e que o indivíduo retome sua liberdade completa de iniciativa e de ação para satisfazer – por meio dos grupos e federações livres – todas as necessidades infinitamente variadas dos seres humanos.¹¹

O intuito do anarquismo visa a não padronização do modo de existência dos indivíduos restituindo sua liberdade por uma posição anarquista, por mais que estabeleçam um conceito amplo sobre o tema, demonstram uma construção crítica sobre as espécies aqui abordadas. Que propõem em última análise fomentar o desenvolvimento crítico do indivíduo, e instigar o debate sobre as formas que atuam na vida do indivíduo no meio social, buscando quais construções político-ideológicas são alvo do anarquismo.

2. CRÍTICA A FORMA DE DOMINAÇÃO NO MEIO ECONÔMICO

Para compreender dominação econômica (exploração capitalista contemporânea) que é construída em torno da exploração capitalista atual, Proudhon estabelece alguns fundamentos essenciais a exploração econômica do Estado:

Uma força de mil homens, atuando por vinte dias foi paga como a força de um único atuando por cinquenta e cinco anos; contudo, a força de mil homens fez em vinte dias o que a força de um só não faria em um milhão de séculos: o negócio é equitativo? Mais uma vez, não: quando tiverdes pago todas as forças individuais, não tereis pago a força coletiva; em consequência resta sempre um direito de propriedade coletiva não adquirido por vós e do qual gozais injustamente.¹²

A discussão proposta pelo autor, estabelece o repúdio gerado à individualidade teórica do ser (exercício comum na economia política do século XIX), estrutura uma forma de coletivizar o ser que fragmenta a sociedade e reduz a individualidade às operações econômicas, sendo esta uma forma de dominação e exploração do ser, que implica a perda de sua individualidade fazendo com que o indivíduo haja pelo senso

¹¹ KROPOTKIN, Piotr. **A Decomposição dos Estados**. In: Palavras de um Revoltado. São Paulo: Imaginário, 2005, p. 46.

¹² PROUDHON, Pierre-Joseph. **O que é a Propriedade?** São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 103.

coletivo, sendo assim, a força coletiva só apresenta sentido se analisada no viés econômico e social capitalista, representando a base sintética de sua própria formulação

Assim, a dominação econômica tem como base capturar o corpo individual e o tornar parte de um coletivo que visa apenas a produção em alta escala e cada vez explorar o máximo do indivíduo, e garantir que este continue atuando na economia por conta desta não suprir todas as suas necessidades, se o Estado não garante o pão, é necessário trabalhar para comprá-lo, assim este garante apenas o emprego, e a ideia constante por reconhecimento no meio à luta para conquista dos sonhos e ideais capitalistas.

O incentivo pregado e instaurado no sistema capitalista visa à forma última de mérito, o único objetivo daquele que está inserido nesse sistema é a luta constante para seu merecimento, caso não lute para conquistar a vaga, caso não atinja determinada meta para ser reconhecido é tido como apenas mais um, mais uma peça do sistema a ser utilizada até se desgastar e por fim, ser descartada.

Além do capitalismo há outras discussões sobre outros sistemas, a exemplo o comunismo que ainda há a noção de propriedade e apenas uma transferência de poder sobre a mesma, que não abandonam algumas práticas e sustentam com pesar o ideal capitalista, porém o mesmo não será abordado para crítica nessa pesquisa.

Alguns sistemas que não sustentam¹³ um imperativo da evolução dos modos de produção, são da mesma forma atingidos pela crítica, por não se desapegarem do ideal atual da produção.

Dessa forma se torna difícil negar o ideal capitalista, pois a recompensa que este prega, e a conquista que falsamente se adquire apenas incentiva o indivíduo a se esforçar para conquistar mais e produzir mais e querer sempre atingir o patamar daquele que por algum motivo possui mais bens e recursos.

No capitalismo contemporâneo, é possível enxergar as previsões de Bakunin, sobre como o Estado adotaria tal método para a dominação e exploração do proletariado:

Da mesma forma, o Estado nada mais é do que a garantia de todas as fazendas em benefício de um pequeno número de felizes privilegiados

¹³ Assim como propõe as estruturas do Socialismo de mercado, Neoliberalismo, Neoliberalismo, Mercantilismo, que visam a produção em alta escala para sanar as necessidades econômicas do Estado em que esses sistemas atuam, estruturando formas de incentivo aqueles que alcançam com mais eficácia essas necessidades econômicas.

e em detrimento das massas populares. Utiliza a força coletiva de todo o mundo para garantir a felicidade, a prosperidade e os privilégios de alguns, em detrimento dos direitos humanos de todo o mundo. É um estabelecimento onde a minoria desempenha o papel de martelo e a maioria forma a bigorna.¹⁴

Assim, se mostra clara a atuação estatal em garantir aos que inseridos no sistema atual, visem o mínimo do benefício que gera a produção, utiliza-se a força coletiva dos seres para garantir a felicidade e prosperidade de alguns, alterando os direitos destes para continuarem a produzir e buscarem o mesmo conforto e prosperidade que é pregado pelo ideal moral capitalista, se estabelece assim uma representação de que a minoria capaz de alterar os direitos daqueles que trabalham para conquistar o mínimo diariamente, molda aqueles que não passam de força de trabalho para atingir determinado fim.

Apesar do Estado possuir diversos conceitos, todos eles se constituem em um conjunto de instituições políticas, judiciárias e militares. O conjunto dessas instituições promove uma determinada estrutura econômica para que este possa gerir suas ações, logo se suas ações são geridas também por instituições financeiras, essas se manifestam como instrumentos do Estado para exercer sua dominação econômica a todos os que estão sob o controle, juridicamente falando, dessas instituições.

Então, se o Estado é responsável por tais instituições, ao invés do indivíduo poder atuar de forma livre, o Estado o silencia, não se materializando fisicamente, mas se manifestando como forma de dominação sobre os indivíduos. O Estado manifesta vontades mas não manifesta formas físicas, não possui forma, mas sim vontade.

A dominação exercida pelo Estado é garantida pela busca da paz, seja ela como for, se por dinheiro, se por leis, se por força militar, força de polícia, etc. Se o indivíduo/corpo discordar da atuação estatal, ele é submetido a classe dominada, a sua luta se inicia nesse momento, uma vez que se encontra coagido a se comportar de determinada forma, e caso não o venha a fazer, é da aspecto do Estado reprimir tais condutas por um viés monopolizado de violência, sendo exemplos os tribunais e prisões, que não passam de elementos estatais para garantir a dominação sobre o corpo que não se adequa ao modo de vida estabelecido pelo Estado, para que este não se manifeste contrário às decisões atuais, sejam elas em qualquer forma de governo.

¹⁴ BAKUNIN, Mikhail. **Deus e o Estado**. São Paulo: Imaginário, 2000, p.4.

Entende-se assim, que se monopolizando as decisões políticas em apenas um eixo da sociedade, manifestada pelo Estado, este manifesta vontades que não abordam a todas as classes, ao interesse de todo, implica apenas a uma única classe que se mantém em governar os indivíduos que fazem parte dessa sociedade.

As classes dominadas, no sistema capitalistas, nunca dominaram, o Estado precisa dessas classes, para poder se sustentar economicamente, sendo uma espécie de simbiose, quem possui menos na mesma posição social e quem possui mais tende a encontrar uma posição superior por possuir mais (neste caso possuir recursos econômicos variados, seja dinheiro, terras, etc.).

O Estado tem a arte de governar por uma única classe e precisa das outras para obter seus interesses, para satisfazer as vontades econômicas, dessa forma manifesta sua vontade que incide diretamente as classes dominadas.

Essa forma de explorar os indivíduos que prega a dominação capitalista, caracteriza o trabalho assalariado, mas por esta forma de exploração determina como este realiza seu trabalho, mesmo que de forma precária, e a partir desse ponto se analisa a precariedade dos trabalhadores e sua marginalização em larga escala dentro do sistema capitalista, sendo necessária a observação para compreender a crítica ao sistema atual e desenvolver uma certa compreensão da precariedade do indivíduo atualmente.

Na dominação capitalista, o termo assalariado é um ótimo disfarce para escravidão assalariada, mas se retira o termo escravidão ao definir trabalho pois ameniza o impacto no meio social. Logo a liberdade do indivíduo, ainda que politicamente democrática, depende maioria das vezes exclusivamente do tanto que este arrecada monetariamente, e contribui na mesma medida para o funcionamento do capital.

A democracia representativa não se separa da crítica do Estado, pois a mesma enxerga que o Estado atual, e o capitalismo, são polos indissociáveis, que apenas garantem a dominação atual com um certo disfarce de suas ações por possuírem a denominação de “democracia” em sua constituição usando o termo como justificativa para estas ações.

Dessa forma, caso haja mudança, tais ideais não poderiam ser sustentados visto que implicam na dominação, ainda que disfarçada, sobre os indivíduos.

3. CRÍTICA A DOMINAÇÃO POLÍTICA

Com este esclarecimento a respeito da dominação econômica, se adentra a crítica sobre a dominação política, que de forma a representar para os anarquistas a instituição política das classes dominantes, visa em conjunto com o capitalismo, sua razão para se identificar como Estado.

Por sua própria constituição, sem o capitalismo atual, o Estado não manifestaria suas vontades pois não dominaria seus indivíduos:

O Estado é a proteção da exploração, da especulação, da propriedade privada –, produto da espoliação. O proletário, que só possui como riqueza seus braços, nada tem a esperar do Estado; encontra nele apenas uma organização feita para impedir a qualquer preço, sua emancipação.¹⁵

Para entender os tipos de dominação além da exploração econômica, o Estado tem como espécie para dominar os indivíduos a sua manifestação de vontade, seja por força ou política, não havendo muitas distinções entre ambas no Estado Moderno.

A dominação política se dá pela força ou pelas decisões verticais orquestradas de cima para baixo que são manifestadas através de sugestões ou restrições de conduta, sendo que para garantir sua atuação livre, o Estado necessita dominar os indivíduos, fazendo necessária que esta forma esteja em sua constituição, seja de forma evidente ou disfarçada sua dominação sobre os indivíduos.

Para Mikhail Bakunin¹⁶, “o Estado é precisamente sinônimo de coerção, domínio pela força, camuflada, se possível, e, se necessário, brutal e nua”. Sendo até claro que um dos monopólios do Estado é a violência, sendo seus elementos exemplificados pelas prisões ou tribunais, que manifestam a dominação pela força física, ou pela burocracia.

Nessa “política” burocrática, a representação do Estado aliena os seus indivíduos e passa a monopolizar as decisões, se há um grupo que governa, os que são governados sofrem apenas as consequências das decisões daqueles que os governam, monopolizando assim, as decisões políticas através de burocracias, as vezes disfarçadas, as vezes evidentes e escancaradas.

¹⁵ KROPOTKIN, Piotr. **A Decomposição dos Estados**. In: Palavras de um Revoltado. São Paulo: Imaginário, 2005. p. 30.

¹⁶ BAKUNIN, Mikhail. **Estatismo e Anarquia**. São Paulo: Imaginário/Ícone, 2003.p.47.

Sendo assim, os indivíduos presentes em meio a essas decisões ficam impossibilitados de exercer qualquer tipo de controle sobre as decisões tomadas, se são instauradas dentro de uma democracia representativa por exemplo, se afastam cada vez mais do ideal democrático do governo do para o próprio povo:

Nenhum Estado, por mais democráticas que sejam suas formas, mesmo a república política mais vermelha, popular apenas no sentido desta mentira conhecida sob o nome de representação do povo, está em condições de dar a este o que ele precisa, isto é, a livre organização de seus próprios interesses, de baixo para cima, sem nenhuma ingerência, tutela ou coerção de cima, porque todo o Estado, mesmo o mais republicano e mais democrático, mesmo pseudopopular como o Estado imaginado pelo Sr. Marx, não é outra coisa, em sua essência, senão, o governa das massas de cima para baixo, com uma minoria intelectual, e por isto mesmo privilegiada, dizendo compreender melhor os verdadeiros interesses do povo, mais do que o próprio povo.¹⁷

Mikhail Bakunin estrutura a crítica do Estado, que suas formas, ainda que mais liberais, podem sustentar atuações opressivas, sendo observada uma dualidade na construção crítica anarquista do Estado, uma que se manifesta em oposição a hierarquia, e a segunda afirma a ligação entre o Estado e as classes sociais, mas ambos estruturam que uma minoria governe uma maioria, observando as práticas por estes realizadas.

Em 1867, Mikhail Bakunin¹⁸ afirma que é necessário distinguir os governos mais ou menos democráticos, pois até os que representam uma república, mesmo que seus indivíduos sejam explorados, não há opressão, diferente de governos autoritários que há o conjunto de exploração e opressão constantemente.

Porém, independente da forma de atuação, na crítica anarquista deve-se combater qualquer forma opressora de exercício, o que acaba por buscar em todos os vieses anarquistas (não constante as variantes do anarquismo, mas sim em essência histórica igual retratado) uma forma não utópica, mas heterotópica de autogoverno, não reconhecendo algo já estabelecido, mas que possa desenvolver-se a partir de um autoconhecimento uma reformulação crítica do que o atual meio político, tentar descrever as inúmeras relações de forma a não se limitar a um único governo.

A partir do momento que se entende a crítica construída pelo anarquismo, pode então se desprender de eternos retornos iguais aos previstos por Mikhail Bakunin¹⁹ a

¹⁷ BAKUNIN, Mikhail. **Estatismo e Anarquia**. São Paulo: Imaginário/Ícone, 2003, p.47.

¹⁸ BAKUNIN, Mikhail. **Federalismo, Socialismo, Antiteologismo**. São Paulo: Cortez, 1988, p. 112.

¹⁹ BAKUNIN, Mikhail. **Deus e o Estado**. São Paulo: Imaginário, 2000, p.4.

respeito da forma do Estado. Entende-se que o Estado já não atende mais as necessidades e aliena seus indivíduos para formar uma unidade obediente.

Se desprender da ideia de Estado, com muito cuidado em tentar mostrar isso, faria com que uma nova forma de pensar a sociedade poderia surgir, uma em que não há um representante, ou uma minoria representativa no exercício governamental, mas sim, um autogoverno, uma forma de se estruturar como indivíduo possuindo uma representação individual e não coletiva.

4. CRÍTICA A DOMINAÇÃO IDEOLÓGICA

Havendo dentro das espécies de dominação, a dominação ideológica que manifesta sua identidade em diversas instituições sociais, sendo estas desde a educação, até a religião:

[...] todas as religiões passadas e presentes, sem excluir de forma alguma o cristianismo, foram a religião do mais forte. É a consequência necessária da própria natureza da religião. [...] A religião é, sem sombra de dúvida, um roubo cometido pela imaginação religiosa em detrimento da terra e dos homens, em benefício do céu e dos deuses. [...] O respeito pelo céu torna-se desprezo pela terra, e a adoração da divindade torna-se a crueldade para os homens.²⁰

As instituições na sociedade atual, tem um importante papel em doutrinar os que nela estão inseridos. Dentre elas, uma das que mais se destaca é a religião que, desde o início das sociedades até ao que se tem como sociedade contemporânea, demonstrou até o momento uma aliança muito forte com a forma de governar os indivíduos, sempre sustentando através do sagrado toda a construção política para doutrinar os corpos, sendo em inúmeras vezes inspiração necessária para forjar uma sociedade hierarquizada e estruturada por uma ordem divina, concedida ao indivíduo. Porém, se for ensinado a um peixe a nadar para a boca do tubarão pois lá encontrará a felicidade, este o fará com felicidade e acreditando cegamente que no final, será recompensado com bens inimagináveis.

²⁰ BAKUNIN, Mikhail. **Essência da Religião/ O Patriotismo**. São Paulo: Imaginário, 2009, p. 20.

Tal reflexão parte de um dos escritos de Bertolt. Brecht²¹, e por mais que seja vista como algo banal, o sistema atual funciona exatamente da mesma forma, em doutrinar os corpos a serem obedientes e a entenderem que dentro da sociedade, só se é feliz e se encontra a paz, se seguirem as normas (as vezes religiosas), pois aquele que pune os maus, premia os bons, sendo os bons aqueles que aderem um senso de conformidade em obedecer sem questionar e os maus aqueles que se desviam de toda e qualquer norma ditada.

A ordem buscada, somente será alcançada dentro do sistema social e econômico atual, se seguirem a moral de serem obedientes e não questionarem, serem apenas mais um indivíduo em meio a muitos que trabalha mais e mais por necessitar consumir sempre mais o que o Estado tem a oferecer, para atender a proposta que disfarçadamente lhe foi imposta desde a sua infância na educação e doutrinação religiosa, até a sua morte.

Na educação, por meio da pedagogia em ouvir a quem tem um valor moral muito maior que o do ouvinte, é ainda defendido, pois o indivíduo que não possui interesse em estudar, é aquele que não vai alcançar os objetivos do capitalismo e conquistar o ideal de riquezas inimagináveis que o aguardam.

Muito mais proveito se encontra em doutrinar os corpos a serem obedientes e a atenderem a expectativa oferecida pelo capital, não sendo possível o incentivo a criação individual do ser, não sendo possível se desenvolver como unidade, apenas como coletivo padronizado e ordenado, dentro de um Estado que não atende a todos os indivíduos dentro de sua sociedade.

Por esse viés, temos a mídia que estrutura formas de consumir sempre mais, que por meio de dominação dentro das mesmas instituições, se ensina que para poder comprar é necessário trabalhar, e que para trabalhar, é necessário a submissão a ordem.

O mando e a obediência são enraizados em nosso desenvolvimento, tais ordens são dadas desde o início de nosso desenvolvimento, desde nossas salas de aulas, desde nossa família, desde nosso trabalho.

Uma sociedade assim, inspirada, não terá a temer nem dissensões no interior, nem inimigos no exterior. Às coalizões do passado oporá o seu amor pela ordem nova, a iniciativa audaciosa de cada um e de todos, a sua força tornada herúlea pelo despertar do seu gênio.

²¹ BRECHT, Bertolt. **Se os tubarões fossem homens**. Trad. de Cristiane Röhrig. Ilustrações de Nelson Cruz. Curitiba: Edições Olho de Vidro, 2018, *in passim*.

Diante desta força irresistível os reis conjurados nada poderão. Terão só que inclinar-se diante dela, atrelar-se ao carro da humanidade, rodando para os horizontes novos entreabertos pela Revolução Social.²²

Tem-se as formas de dominações já constituídas no que se interpreta como indivíduo; negar as formas que essas interagem, seria negar que as dominações existem, partindo de um pressuposto anarquista durante a estruturação da pesquisa, pode-se analisar que tais dominações, se criticadas e negadas no desenvolvimento do indivíduo, como corpo, juridicamente tutelado, e desenvolvido sob essas espécies de dominação, o indivíduo poderia negar essa dominação e exercer sua personalidade sem possibilidade dessas dominações serem exercidas sobre suas vontades.

Sendo assim, as formas de dominação são relacionadas em três pontos, e não únicos, que são diretamente desde nossa origem alimentados a serem seguidos e aceitos, de forma que qualquer senso de rebeldia que não obedecer é fortemente reprimido e doutrinado a se comportar de forma obediente e então ser inserido na sociedade após compreender que deve sempre obedecer em favor do progresso e da ordem.

CONCLUSÃO

Com esta presente pesquisa, pode se identificar a atuação das formas de dominação dentro de uma sociedade, e serem assim criticadas por um viés anarquista que estrutura as formas que estas atuam, considerando as três esferas retratadas, sendo elas a dominação econômica, política e ideológica.

Partindo de um viés anarquista, é possível observar como as previsões em obras que a muito foram escritas, se tornam tal atuais e passíveis de serem aplicadas na atualidade, um entendimento histórico e rico de informações a serem discutidas que visam informar as formas de dominação atuais, e como o Estado opera seu exercício legitimando este comportamento em sua constituição/ origem.

As instituições culturais, mesmo obedecendo a lógica do Estado, se distinguem no sistema de dominação contemporâneo, essas instituições têm como elementos centrais o indivíduo e o seu senso de encontrar um certo pertencimento.

²² KROPOTKIN, Piotr. **A Conquista do Pão**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011, p. 151

O anarquismo não critica a cultura, mas propõe a sua atuação sem comprometer o indivíduo, o intuito anarquista de negar a dominação partiu de um fundamento crítico a exploração econômica dos sistemas capitalistas e pré-capitalistas, visando criticar, pontos essenciais como a dominação econômica, política e ideológica.

A crítica construída com o anarquismo visa uma racionalidade não iluminista e antimoral de compreender a sociedade, a forma de atuação atual do Estado mostra que sua dominação econômica, política e ideológica estão desde o desenvolvimento dos indivíduos que estão sobre essa atuação.

Assim, propor uma mudança na forma de agir do indivíduo seria negar essas formas de dominações e desenvolver um senso crítico ao observar a sociedade contemporânea, podendo a partir desse ponto construir uma sociedade diversa desta apresentada pelo Estado.

REFERÊNCIAS

BRECHT, Bertolt. **Se os tubarões fossem homens**. Tradução de Cristiane Röhrig. Ilustrações de Nelson Cruz. Curitiba: Edições Olho de Vidro, 2018.

BAKUNIN, Mikhail. **Deus e o Estado**. São Paulo: Imaginário, 2000.

BAKUNIN, Mikhail. **O sistema Capitalista**. São Paulo: Faísca, 2007.

BAKUNIN, Mikhail. “**Carta ao Jornal La Liberté de Bruxelas**”. In: *Escritos Contra Marx*. São Paulo: Imaginário, 2001.

BAKUNIN, Mikhail. **Estatismo e Anarquia**. São Paulo: Imaginário/Ícone, 2003.

BAKUNIN, Mikhail. **Federalismo, Socialismo, Antiteologismo**. São Paulo: Cortez, 1988.

BAKUNIN, Mikhail. **Essência da Religião/ O Patriotismo**. São Paulo: Imaginário, 2009.

CORRÊA, Felipe (2012). **Surgimento e Breve Perspectiva Histórica do Anarquismo** (PDF). São Paulo: Faísca

KROPOTKIN, Piotr. “**A Decomposição dos Estados**”. In: *Palavras de um Revoltado*. São Paulo: Imaginário, 2005.

KROPOTKIN, Piotr. **A Conquista do Pão**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

PROUDHON, Pierre-Joseph. *Capacidad Política de la clase Obrera*. Buenos Aires: Americalee, 1943.

PROUDHON, Pierre-Joseph. **O que é a Propriedade?** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

PROUDHON, Pierre-Joseph. **Do Princípio Federativo**. São Paulo: Imaginário 2001.